

LINGUAGEM DE MULHER E SILENCIAMENTO NO CONTO
“ENTRE AS FOLHAS DO VERDE ‘O’”, DE
MARINA COLASANTI

Simone Campos Paulino (UNIGRANRIO)

simone.paulino@gmail.com

Idemburgo Pereira Frazão Felix (UNIGRANRIO)

idfrazao@uol.com.br

RESUMO

O presente artigo parte do conto “Entre as folhas do verde ‘O’”, da autora italo-brasileira Marina Colasanti, para refletir sobre a ideia de uma linguagem dominante e masculina que exclui a voz e a linguagem das mulheres do centro, tornando-as marginalizadas. Desta forma, baseando-se na questão da voz do subalterno, de acordo com Spivak (2010), e na linguagem como uma forma de repressão, segundo Kristeva (1984), o presente artigo buscará levantar reflexões sobre como a linguagem também é uma forma de poder e segregação. Outrossim, destacaremos também a (im)possibilidade de uma linguagem de mulheres.

Palavras-chaves:

Colasanti. Comunicação. Feminismo. Linguagem. Insólito. Silenciamento.

1. *Introdução*

A autora Marina Colasanti é reconhecida por seus contos de fadas que, através de situações insólitas, abrem veredas para diversas interpretações que, muitas vezes, recaem sobre a questão do universo feminino.

Em “Entre as folhas do verde ‘O’”, existem duas personagens em destaque: O príncipe e a Corça-mulher. Uma representa o masculino e a outra o feminino. É o príncipe quem encontra a Corça-mulher no meio selvagem e, apaixonando-se por ela, acaba por capturá-la. Quando a criatura meio corça e meio mulher é levada para o palácio, vemos o maior conflito da relação entre as duas personagens: a comunicação impossível. Afinal, “a corça-mulher só falava a língua da floresta e o príncipe só sabia ouvir a língua do palácio” (COLASANTI, 2015, p. 26). Mantendo-a presa e sem compreender sua linguagem, o príncipe busca interpretá-la através de seu próprio conhecimento de mundo e, portanto, transforma-a em uma mulher por completo, com auxílio de um feiticeiro. “Vieram as costureiras e a cobriram de roupas. Vieram os joalheiros e a cobriram de joias. Vieram os mestres de dança para ensinar-lhe a andar. Só não tinha palavra. E o desejo de ser mulher” (COLASANTI, 2015, p. 26). O desejo dela, porém, não podia ser expresso, uma vez que ela não era capaz de falar a linguagem

do palácio. Somente após aprender a andar, ela é capaz de fugir do castelo e, com o auxílio da Rainha das corças, se tornar um animal por completo, assumindo de uma vez o lado selvagem.

Roman Jakobson (2007) observa que

Falar implica a seleção de certas entidades linguísticas e sua combinação em unidades linguísticas de mais alto grau de complexidade. Isto se evidencia imediatamente ao nível lexical quem fala seleciona palavras e as combina em frases, de acordo com o sistema sintático da língua que utiliza; as frases, por sua vez, são combinadas em enunciados. Mas o que fala não é de modo algum um agente completamente livre na sua escolha de palavras: a seleção (exceto nos raros casos de efeito neologismo) deve ser feita a partir do repertório lexical que ele próprio e o destinatário da mensagem possuem em comum. (JAKOBSON, 2007, p. 37)

Diante disso, vemos que é preciso que os envolvidos no processo de comunicação, reconheçam o repertório lexical utilizado. Caso isso não ocorra, a comunicação se torna praticamente impossível, como ocorre no conto colasantiano. O grande problema da narrativa se revela, portanto, no nível da linguagem utilizada pelas personagens.

Diante do exposto, vemos que a linguagem se revela como um dos principais tópicos do conto “Entre as folhas do Verde ‘O’”. Com base nisso, buscaremos, neste artigo, levantar reflexões sobre a ideia de uma linguagem feminina própria e sobre como a linguagem também é uma forma de poder.

2. A (im)possibilidade de uma linguagem de mulheres

Segundo vimos na introdução deste trabalho, no conto “Entre as folhas do Verde ‘O’” temos uma impossibilidade de comunicação. O príncipe e a Corça-mulher possuem diferentes linguagens, entretanto, uma se sobressai a outra. A linguagem da personagem que se manifesta como masculino é a linguagem de ordem dominante. É através da linguagem dele que as ordens são dadas e ele assume a completa tutela da mulher que, não tendo voz, não é capaz de mandar sobre os próprios desejos, perdendo, inclusive, o domínio sobre o próprio corpo.

Eliane Showalter, em *A crítica feminista no território selvagem* (1994), observa que a ideia de uma linguagem de mulheres não tem sua origem nos estudos da crítica feminista, mas aparece em antigos mitos. Essa linguagem, porém, é apresentada como uma “fantasia masculina da natureza enigmática do feminino” (SHOWALTER, 1994, p. 37). Portanto,

ainda que se apontasse para uma linguagem de mulheres, ela sempre acabava sendo interpretada por uma estrutura falocêntrica.

Se retornarmos ao conto colasantiano, veremos que a impossibilidade de comunicação entre as protagonistas da narrativa se deu por um afastamento da linguagem e uma tentativa do masculino de interpretar a linguagem de mulher através de uma estrutura estranha a ela.

A linguagem feminina se encontra no centro dos estudos da crítica feminista francesa. Baseada nos estudos de Derrida e Lacan, essa vertente crítica busca evidenciar marcas de uma linguagem feminina, pautada nos estudos da *écriture féminine*. Showalter (1994) ressalta que “muitas feministas francesas defendem um linguismo revolucionário, uma ruptura oral com a ditadura do discurso patriarcal” (p.36).

Julia Kristeva (1984) aparece como um dos principais nomes da crítica feminista francesa. Ela aborda a questão do semiótico e do simbólico, considerando que o simbólico mostra como o homem se insere na sociedade, a autora considera esse aspecto comprometido com a cultura masculina e busca no semiótico, na fase pré-lingüística, antes da entrada no simbólico, o momento em que a mãe e a criança possuem uma linguagem própria. O semiótico, segundo Kristeva, guarda a matriz da linguagem que foi sequestrada da mulher. Diante disso, podemos inferir que a linguagem da mulher existe num nível semiótico, mas não sobrevive ao nível simbólico, de domínio masculino.

Uma linguagem própria de mulheres pode ter existido em sociedades primitivas, entretanto, pensar fora da estrutura falocêntrica da linguagem se mostra como um dos maiores desafios para a linguagem da mulher. A linguagem, segundo Roman Jakobson (2007), é parte integrante da vida social e, portanto, a linguagem e a cultura se implicam mutuamente. Sendo assim, o domínio social dos homens acaba por se manifestar numa linguagem estruturada num pensamento precipuamente masculino.

No conto de Colasanti, observamos que a linguagem da mulher é tida como inexistente e por isso as vontades dela devem ser interpretadas pelo masculino. Em *Pode o subalterno falar?*, a estudiosa indiana, Gayatri Chakravorty Spivak assevera que o sujeito subalterno não pode ser ouvido, pois não há desejo de se escutar a voz desse sujeito. Conforme ressaltamos, no conto colasantiano, o príncipe não sabia ouvir a linguagem selvagem da personagem feminina. Ora, se pensarmos numa relação de dominação em “Entre as folhas do Verde ‘O’”, fica evidente que o sujeito subalterno é a Corça-mulher e é ela a personagem silenciada durante a narrativa.

Showalter afirma que

O problema não é que a língua seja insuficiente para expressar a consciência das mulheres, mas é que foi-lhes negada a totalidade dos recursos da língua e elas foram forçadas ao silenciamento, ao eufemismo, ao circunlóquio. (SHOWALTER, 1994, p. 39)

Podemos, portanto, observar que a linguagem da mulher não se apresenta como o maior problema, mas o grande desafio está no silenciamento.

3. *Linguagem de homem e linguagem de mulheres*

A figura da corça, presente no conto colasantiano, nos remete à Ártemis, a deusa virgem da caça. Essa deusa, que, segundo a mitologia greco-romana, dispensou a companhia dos homens, se alinha ao arquétipo da mulher selvagem. No livro *Mulheres que correm com os lobos* (1994), Clarissa Pinkola Estés explica que a mulher selvagem tinha espaço nas sociedades matriarcais e de culto ao sagrado feminino, porém, com a tomada do poder pelos homens, buscou-se afastar a mulher desse arquétipo.

A escolha de uma protagonista que seja meio mulher, meio corça, é um tanto quanto instigante. Afinal, no conto colasantiano, temos a personificação da mulher selvagem que é dominada pela cultura masculina, evidenciando uma relação desigual de poder. Bem como ocorreu com o arquétipo da mulher selvagem após a tomada do poder pelo masculino, ocorreu com a Corça-mulher. Tentou-se apagar dela todo traço que remetesse à corça, transformando-a puramente no que a personagem masculina desejava.

O impossível diálogo entre as duas personagens revela a imposição do masculino sobre o feminino. A linguagem palaciana (dominante) e a linguagem selvagem (marginalizada) entram em conflito e, nessa tensão, vence o dominante, tomando, inclusive o poder sobre os desejos e o corpo da Corça-mulher.

O príncipe é uma espécie de colonizador, que impõe seus aspectos culturais ao indivíduo colonizado e o interpreta através de suas idiossincrasias. Isso nos remete ao relato, feito por Spivak (2010), sobre a imolação das viúvas. A autora descreve que as mulheres, segundo a tradição indiana, deveriam cometer suicídio após a morte dos maridos, mas foram proibidas, pelos colonizadores, de realizar tal prática. Entretanto, a

discussão sobre a vida e a morte dessas mulheres nunca considerou a opinião das mesmas.

Observamos no conto “Entre as folhas do Verde ‘O’” que a linguagem da mulher é constantemente preterida. Ignorar a linguagem da mulher é um movimento comum nas sociedades patriarcais, segundo Robin Lakoff (1973). No estudo linguístico da década de 70, intitulado “Language and Woman’s Place”, a autora afirma que a língua é uma forma de reforçar a diferença entre homens e mulheres e inferiorizar a linguagem feminina. Em sua tese, Lakoff identifica características da linguagem da mulher: Léxico específico, adjetivos vazios, pouco assertividade, polidez, correção gramatical e não uso de palavrões. A autora observa, através disso, características de uma linguagem feminina aprendida pelas meninas desde a infância. Diante disso, a autora indica que essa linguagem de mulher é também uma forma de reafirmar os papéis sociais de gênero. Compreende-se, neste diapasão, que a linguagem da mulher acaba não sendo levada a sério numa estrutura patriarcal.

Jakobson (2008, p. 18) afirma que “a linguagem é de fato o próprio fundamento da cultura. Em relação à linguagem, todos os outros sistemas de símbolos são acessórios ou derivados”; dessa forma, a linguagem e a cultura patriarcal acabam por retroalimentar o sistema de opressão sobre o feminino.

O simbólico, nível onde se encontra a linguagem do príncipe da narrativa, segundo Kristeva (1984), não é monolítico, mas instável e inconstante, por isso é necessário que o semiótico trabalhe na própria ordem da linguagem que desafia. Existe a repressão do semiótico pelo simbólico, no entanto, ela não é completa. Outrossim, Showalter (1994) argumenta que o grande desafio da mulher é ‘reinventar’ a linguagem e falar fora de uma estrutura falocêntrica. Nesse sentido revela-se a necessidade de repensar as estruturas da linguagem, para que a mulher tenha voz. A protagonista colasiantiana não foi capaz de empreitar tal desafio, optando se afastar da estrutura de linguagem que a oprimia e assim retomar sua voz.

A transformação da Corça-mulher em apenas “mulher” é feita através de uma interpretação errônea do homem. No desfecho, a protagonista aceita por completo a natureza selvagem – a qual jamais abandonou – e retorna para junto de seus pares, livrando-se da dominação masculina.

A protagonista sai da posição de mulher-objeto, isto é, de uma mulher silenciada e marcada pela submissão, para assumir-se como mulher-

sujeito, sendo assim uma mulher insubordinada diante dos paradigmas do patriarcado.

4. Considerações finais

O conto “Entre as folhas do Verde ‘O’” apresenta um conflito que gravita na questão da linguagem. Entretanto, essa problemática mostra-se bem mais ampla, gerando questionamentos sobre poder, gênero e silenciamento.

O príncipe e a Corça-mulher representam o homem e a mulher numa relação de comunicação impossível. Numa vertente interpretativa, poderíamos compreender esse conto simbólico como uma alegoria do difícil diálogo entre esposo e esposa, no qual a insensibilidade masculina aos desejos femininos acaba por acarretar no rompimento matrimonial.

Tratando-se, no entanto, de um conto pertencente ao maravilhoso simbólico, a narrativa colasantiana abre-se a diversas interpretações e, no presente artigo, buscamos abordar a questão da linguagem da mulher e do silenciamento feminino.

A metamorfose, um dos argumentos dos contos maravilhosos, se apresenta nessa narrativa. O ser, metade mulher e metade corça, pode também nos remeter as narrativas do ciclo do noivo animal, como “A Bela e a Fera”. No entanto, quem faz as vezes do animal, do selvagem, no conto colasantiano, é a mulher. O homem apaixonado é quem se torna o agente da metamorfose dela. Em certo ponto da narrativa, a protagonista feminina deseja transformar o homem em corça. Apesar desse desejo não ser atendido, isso nos remete ao conto “Tiger’s bride” (“A noiva do tigre”), presente no livro *O quarto do Barba Azul* (2000), da escritora inglesa Angela Carter, narrativa na qual, em uma versão atualizada de “A Bela e a Fera”, a autora oferece um desfecho inusitado: a Fera é quem liberta Bela, transformando-a também em um animal. O desejo da Corça-mulher mostra, portanto, um desejo de “colonizar” o outro, para não abrir mão da própria natureza.

A linguagem do homem acaba tendo mais força. A mulher, em seu estado selvagem, é retirada de sua origem e colocada numa estrutura falocêntrica na qual é impelida a se adaptar. Todavia, ela não conhece e não aprende a língua de seu dominador, permanecendo sempre uma mulher selvagem e tendo seus desejos interpretados pelo outro. A Corça-mulher é silenciada não por não ter voz, mas por não ser ouvida. O príncipe não

compreende a linguagem dela e não deseja compreender. Conforme assevera Spivak (2010, p.15), “mulher como subalterna, não pode falar e quando tenta fazê-lo não encontra os meios para se fazer ouvir”.

O conto colasantiano expressa uma relação de poder que se releva através da linguagem. O homem a domina por falar a língua palaciana e ela é dominada por não conhecer tal linguagem. O domínio masculino, sobre a Corça-mulher, oblitera seus desejos e passa a ditar regras sobre o corpo feminino, afastando-a do arquétipo da mulher selvagem. A fuga da Corça-mulher é uma necessária ruptura com as estruturas patriarcais. A narrativa, dentre as muitas interpretações possíveis, pode ser compreendida como uma “fábula” sobre a histórica tomada de poder masculino, finalizando com a promessa de reencontro da mulher com a própria linguagem, com a própria identidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COLASANTI, Marina. *Mais de 100 histórias maravilhosas*. São Paulo: Global, 2015.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com os lobos*. Trad. de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. Trad. de Izidoro Bukstein e José Paulo Paes. 24. ed. São Paulo, Cultrix, 2007.

KRISTEVA, Julia. *Revolution in poetic language*. New York: Columbia University Press, 1984.

LAKOFF, Robin Tolmach. Language and woman's place. Cambridge University Press: In: *Revista Language in Society*. vol. 2. N. 1 (Abril, 1973), p. 45-80

SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?*. Trad. de Sandra Regina Goulart de Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica feminista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Org). *Teoria literária: abordagens históricas e tendência contemporâneas*. Maringá: ABEU, 2009.